

Por Ser
MENINA

Resumo Executivo

D

Desde 1997, a Plan International Brasil trabalha intensamente para garantir que crianças, adolescentes e comunidades tenham acesso pleno aos seus direitos. Neste caminho de muitas conquistas e vidas impactadas com o nosso trabalho, nosso grande objetivo tem sido alcançar um país com realidades mais justas e igualitárias, onde crianças e adolescentes possam crescer livres de violência, tomar decisões a respeito de suas próprias vidas, ter acesso a uma educação de qualidade e ter suas vozes ouvidas e respeitadas. Para isso, é essencial conhecer suas principais demandas, a começar pela realidade das meninas, principais impactadas por muitas das violências.

Em 2014, como resultado da prática de uma escuta ativa e cuidadosa, a Plan International Brasil apresentou os resultados da pesquisa “Por Ser Menina no Brasil: Crescendo Entre Direitos e Violências”. A pesquisa buscou ampliar as vozes de meninas de 6 a 13 anos, que relataram suas maiores preocupações, suas percepções sobre direitos e, também, sobre as desigualdades que impactam diretamente suas vidas.

A continuação da pesquisa “Por Ser Menina no Brasil” se tornou uma realidade concreta neste ano, em 2021. Mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19, reafirmamos nosso compromisso em incentivar meninas a discutirem seus direitos. Nesta edição, vamos continuar acompanhando as percepções da mesma geração de meninas que participou do estudo em 2014. Agora, seguiremos com a mesma escuta ativa e cuidadosa para discutir com meninas, que estão na faixa de 14 a 19 anos, sobre desigualdades étnico-raciais e de gênero para o efetivo acesso aos seus direitos.

Sabemos que suas vivências, a depender de fatores estruturantes como identidade étnico-racial, orientação sexual, identidade de gênero, classe social e outros podem apresentar desafios enormes para o acesso a direitos e às redes de apoio. Esperamos que você também possa dedicar seu tempo para escutar o que as meninas têm a dizer. Suas vozes são plurais e, ao mesmo tempo, únicas.

Cynthia Betti
Diretora Executiva
Plan International Brasil

APRESENTAÇÃO

C

om o objetivo de compreender a realidade das meninas brasileiras, seus medos, sonhos, barreiras sociais e de gênero e violências, a Plan International Brasil promoveu a pesquisa Por Ser Menina, que teve sua primeira edição realizada em 2014 e agora sua reedição em 2021.

A segunda edição, realizada entre maio e agosto de 2021, teve como principal foco a captura da percepção das meninas brasileiras entre 14 e 19 anos, em 10 cidades das 5 regiões do Brasil, com um total de 2.589 meninas respondentes.

A construção da amostra utilizou os dados do Estudo de Estimativas Populacionais por município, idade e sexo (DATASUS, 2020), que contém as informações mais atualizadas e com maior nível de confiança, disponível para todos os municípios brasileiros. Para abarcar as informações do perfil racial, foram usados dados do último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Para atingir a proporcionalidade amostral e garantir que um município com maior número de respostas não influenciasse na amostra do estado, foram aplicados pesos às respostas, calculados através da razão entre o número de questionários esperados (amostra) e o número de questionários atingidos (respostas válidas) para cada município, antes de realizar a soma e gerar os dados por estado. Todos os dados foram trabalhados considerando a proporção de meninas (%), no intuito de possibilitar a comparação entre os perfis regional (estados) e nacional (soma dos estados).

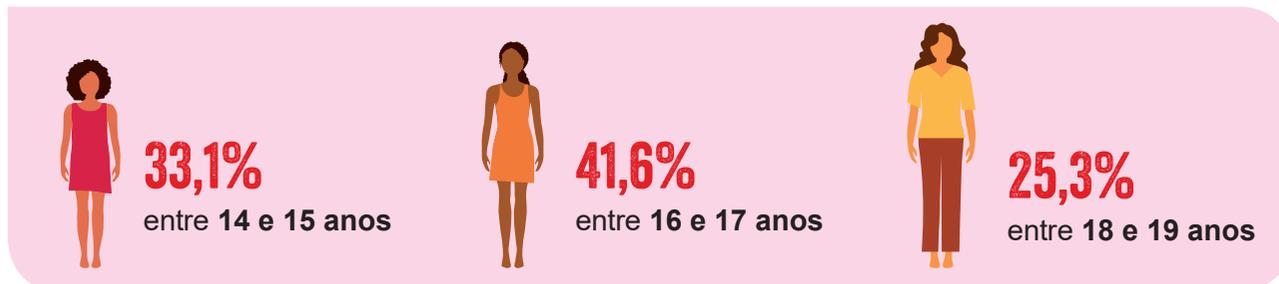
Motivada pelo contexto da pandemia de COVID-19, que desafiou o desenvolvimento de uma pesquisa on-line, a pesquisa manteve-se mista, contemplando abordagem quantitativa e qualitativa, contando com um formulário survey e a realização de grupos focais virtuais em todos os territórios.

Escutamos 15 grupos focais nas 10 cidades de forma a suportar com uma estrutura narrativa a realidade dos dados gerados pelo formulário.

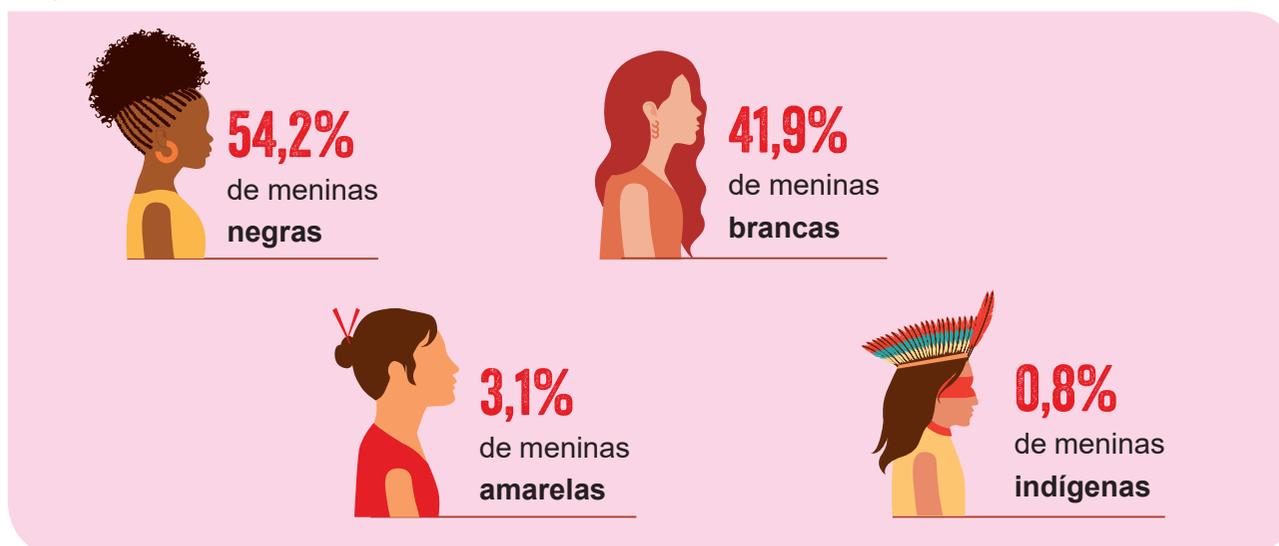
A fim de garantir a representatividade territorial do público-alvo tanto no perfil racial quanto de faixa etária, a pesquisa contou com um trabalho de mobilização das redes de ensino municipais e estaduais, redes de proteção social, organizações não governamentais e lideranças comunitárias que atuam com jovens, de forma a mobilizar e sensibilizar, quando necessário, determinada parcela da população que não estava sendo contemplada de maneira adequada.

PERFIL DAS RESPONDENTES

IDADE



RAÇA/REPRESENTATIVIDADE



SEXUALIDADE

Identidade de Gênero

95,2% cisgênero

4,8% pessoas trans,
dentre as quais:

0,9% meninas trans

3,9% pessoas não binárias

Orientação Sexual

62,6% heterossexuais

23,6% bissexuais

4,7% pansexuais

2,9% lésbicas

1,6% assexuais

4,6% outras

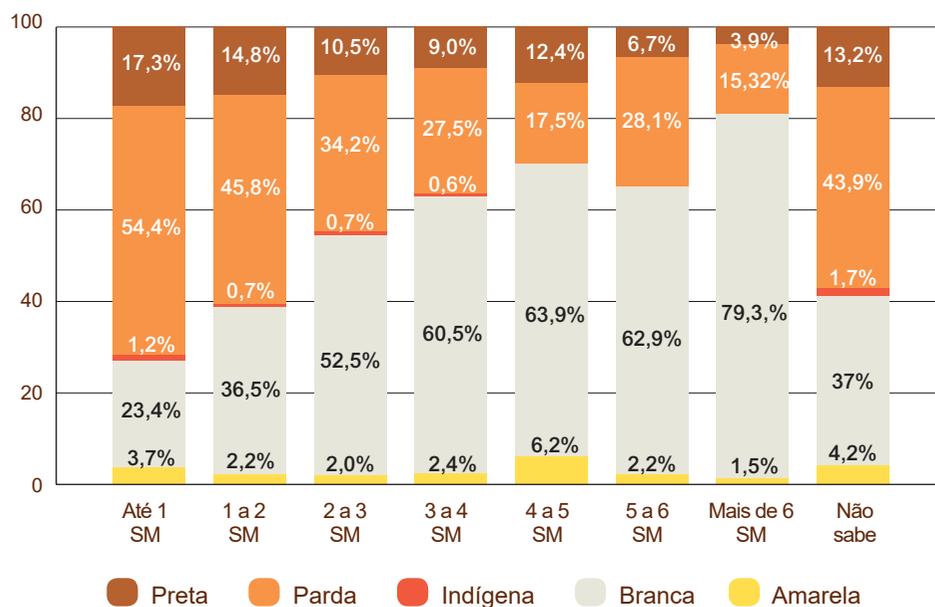


RENDA

Participantes da pesquisa estão concentradas nas faixas de renda familiar de até **2 salários mínimos**.

Meninas negras concentradas nas faixas salariais de até 1 salário mínimo (**71,7%**) e entre 1 e 2 salários mínimos (**60,6%**).

Meninas entrevistadas por raça e renda familiar



Fonte: Plan International Brasil/Tewá 225, 2021.

ESCOLARIDADE

As meninas de idades **entre 14 e 15 anos**, como também de **16 e 17 anos**, estão dentro da idade esperada para cada ciclo escolar.



48,6%

das meninas entre **18 e 19 anos** está cursando ou já completou o Ensino Médio.



48,5%

das meninas entre **18 e 19 anos** está cursando o Ensino Superior (faculdade).

TRABALHO

18,6%

das meninas na faixa etária **entre 14 e 19** estão atualmente trabalhando.

Idade

43% entre 18 e 19 anos
41,4% entre 16 e 17 anos
15,6% entre 14 e 15 anos

Território

26,1% Rio Grande do Sul
21% São Paulo
16,3% Goiás
14% Amazonas
13,7% Maranhão



Amazonas e Maranhão são os estados que apresentaram maiores percentuais de meninas que trabalham nas idades **entre 14 e 15 anos**, com **23,8%** e **22,4%** respectivamente.

Atividades



29,1% realizam **atividades por conta própria** (bicos, aplicativos, trabalhos informais)

26,6% trabalham **sem carteira assinada**

24,9% trabalham **com carteira assinada (CLT)**

Raça

37,4% negras
20,3% amarelas
20% brancas
4,5% indígenas

A maior parte das meninas está inserida **em um cenário de instabilidades e informalidades** do trabalho remunerado.

ACESSO À TECNOLOGIA

78,3% possuem celular, notebook ou tablet próprios.



As **meninas brancas** apresentam o **maior percentual da posse de equipamentos próprios (84%)** e apenas **1,9%** dividem com outras pessoas.



39,4% das meninas que **não possuem** equipamentos eletrônicos são **negras** e **27,3%** são **indígenas**.

MENINAS MÃES

Representam
3,2%
do total das
respondentes



74,1% negras
21% brancas
3,7% indígenas
1,2% amarelas

As meninas **negras** são as mães na faixa etária mais jovem, o que pode representar **maior vulnerabilidade social**.

Meninas entrevistadas com filhos por raça e faixa etária (proporção pelo total de meninas com filhos)

	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta	TOTAL
14 e 15 anos	0,0%	2,5%	0,0%	11,1%	1,2%	14,8%
16 e 17 anos	0,0%	8,6%	2,5%	22,2%	3,7%	37,0%
18 e 19 anos	1,2%	9,9%	1,2%	30,9%	4,9%	48,2%
Total Geral	1,2%	21,0%	3,7%	64,2%	9,9%	100,0%

Fonte: Plan International Brasil/Tewá 225, 2021

1 COMO É A VIDA E O CUIDADO COM AS MENINAS?



Responsável pela família **(63,1%)**
Cuidado no dia a dia **(61%)**
Contribuição financeira para o sustento da casa **(43,8%)**
Decide sobre as questões mais relevantes na vida da menina **(56,3%)**

Meninas entre 18 e 19 anos

44,7% são responsáveis por si mesmas
57,7% decidem sobre questões mais relevantes da sua vida

“Como meus pais são separados é meio isso: a gente pega o papel de segunda mãe. No meu caso fui mais privilegiada porque tinha nossa avó, mas à medida que ela vai envelhecendo eu vou pegando mais esse cargo. É engraçado porque sempre vai tendo uma mulher que vai aparecendo, uma vai substituindo a outra nesse cargo.”

19 anos, Grupo focal de Manaus

A CASA É O AMBIENTE EM QUE AS MENINAS SE SENTEM:

mais protegidas **(77,9%)**
confortáveis **(62,5%)**
amadas **(56,1%)**
onde dizem receber mais apoio dos adultos **(52,3%)**
onde têm mais tarefas/responsabilidades **(50,7%)**
bem **(47,4%)**
mais livres **(46,6%)**



Em comparação com os outros ambientes, a casa é também o principal lócus da violência física **(30,7%)**, violência sexual **(24,7%)** e violência psicológica **(29,5%)**.

QUAL A REAÇÃO DOS PAIS QUANDO FAZEM ALGO QUE CONSIDERAM ERRADO?

67,8% dão bronca/sermão
29,6% gritam
13,4% colocam de castigo
13,2% ameaçam bater
12,6% ameaçam colocar de castigo
5,5% batem



Onde há diálogo?

Escola: 67,4%
Casa: 64,6%
Comunidade religiosa: 40,1%

ATIVIDADES REALIZADAS PELAS MENINAS NAS DIFERENTES IDADES

Com o passar dos anos, **as meninas mudam as atividades que realizam no dia a dia, exceto as tarefas domésticas**. Veja o comparativo da Pesquisa Por Ser Menina de 2014* e 2021.



* A pesquisa Por Ser Menina 2014 foi realizada com meninas na faixa etária entre 6 e 14 anos.

COMO A PANDEMIA DE COVID-19 IMPACTOU A VIDA DAS MENINAS?

83,4%

das meninas relatam que **houve um aumento do tempo em que elas passam na internet** desde o início da pandemia de COVID-19.



54,6%

consideram que **a carga de tarefas domésticas aumentou** nesse período.

“A minha sanidade mental eu não sei onde ela tá, fugiu desde 2020.”
14 anos, Grupo focal de Manaus

O que piorou?

saúde mental **(76,6%)**
estudos **(64,7%)**
relação familiar **(50,4%)**
lazer **(50,4%)**
relação com amigos **(45,9%)**
vida financeira da sua família **(45,7%)**
vida financeira pessoal **(36,5%)**

“Agora na pandemia tem sido difícil ser tão feliz quanto antes, acho que pra todos. Nós adolescentes precisamos de outras pessoas da nossa idade para conversar e se entender, socializar. A internet ajuda nisso, mesmo sendo um pouco distante.”

14 anos, Grupo focal de São Paulo

2 COMO SE DÃO AS DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS NA VIDA DAS MENINAS?

Atividades realizadas dentro de casa são desenvolvidas em maior intensidade pelas meninas em comparação com os meninos

Navegar na internet



76,9% meninas
61,3% meninos

Ler livros



42,5% meninas
8,4% meninos

Fazer tarefas domésticas



67,2% meninas
31,9% meninos

Estudar



70,5% meninas
37,9% meninos

"Acho que os pais querem ver os meninos nos lugares públicos, tipo festa, jogar bola, fora de casa e os pais sempre querem manter as meninas ocupadas, mas que vai ajudar no aprendizado, como grupo da igreja, cursos como informática, participar de qualquer outra coisa que não seja na rua, liberto, que tenha a libertação de escolher."

16 anos, Grupo focal de Codó

As meninas têm o desafio de **conciliar os estudos com as atividades domésticas**, dedicando **menos tempo para brincar e socializar com amigos na rua**.

Atividades de trabalho, sociabilidade e lazer, em ambiente externos e públicos, são desempenhadas em maior intensidade pelos meninos

Brincar



7,3% meninas
24,7% meninos

Jogar jogos eletrônicos



18,5% meninas
48,5% meninos

Socializar com amigos na rua

17,5% meninas
28,3% meninos

Praticar esportes



19% meninas
22,8% meninos

Trabalhar/ganhar dinheiro



21,9% meninas
50,5% meninos



No ambiente escolar as meninas **relatam vivências de desigualdade de gênero nas interações com professores e diretores**.

“Acho que na escola tem uma certa diferença: os professores puxam mais o pé das meninas, ‘tem que ser responsável, organizada, entregar os trabalhos’, tem uma exigência maior. Comigo é assim, pois sou muito estudiosa, então a cobrança é grande. Sempre estão no meu pé, querem saber o que estou fazendo. É um pouco cansativo, apesar de eu ser estudiosa, pois não puxam o pé dos meninos.”

15 anos, Grupo focal de Maués

3

COMO AS MENINAS VIVEM O IMPACTO DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO?



89,1% das meninas **compreendem que homens e mulheres não têm os mesmos direitos garantidos na prática.**

69,4% delas revelaram **sentirem seus direitos desrespeitados por serem meninas/mulheres.**

94,2% das meninas **já presenciaram ao menos uma situação de violência** com elas ou pessoas próximas.

84,4% consideram que **homens/meninos têm mais oportunidade/vantagens que meninas/mulheres.**

84,1% **não se sentem representada nos espaços institucionais (política).**

“As pessoas só começam a pensar nas mulheres, nos direitos, na igualdade das mulheres, quando acontece algo ruim”

16 anos, Grupo focal de Jacareí

VIOLÊNCIA

77,8% afirmam **ter conhecimento sobre leis, direitos e órgãos** a quem recorrem em uma situação de violência.

28,4% das meninas que **sofreram com algum tipo de violência buscam a rede familiar** como apoio emocional.

25,9% das meninas **não procuraram nenhum tipo de ajuda.**



A **rua** é o ambiente em que as meninas **sentem mais “medo” (57%)** e onde são **mais “humilhadas” (23,4%)**.

“Os meninos não precisam andar com medo na rua, de ser estuprado, tá ligado? É tipo isso.”

16 anos, Grupo focal de São Paulo

“Na escola que eu estudava, no Ensino Médio, era dia de educação física e eu fui com um shorts saia de educação física.

Fui chamada pela vice-diretora e ela disse que tinha que trocar minha roupa. Perguntei por que se não tinha regras de vestimenta na escola. E aí ela disse que se eu fosse assediada com aquela roupa eu não teria direito de reclamar e que eu estaria pedindo para ser assediada por causa da roupa que eu tava usando.

Ouvir isso de uma outra mulher, mais velha, diretora, que deveria me proteger, foi horrível.”

19 anos, Grupo focal de Porto Alegre

A **escola** foi identificada como o **principal ambiente onde ocorre assédio (32,4%)** e **violência de gênero (25,4%)**, e o segundo maior na **violência sexual (24%)**.



RACISMO

A maior incidência de ocorrências é sobre as meninas negras, em quase todos os ambientes, com exceção da casa,



LGBTQIAPFOBIA



Enquanto **81%** das **meninas heterossexuais** se sentem **respeitadas** em relação a sua sexualidade, apenas **1,2%** das meninas **lésbicas**, **1,7%** das meninas **pansexuais** e **9,9%** das meninas **bissexuais** compartilham o mesmo sentimento.

A **rua** é o ambiente em que as meninas relatam **mais casos de LGBTQIAPfobia**, representado por **52,1%**, seguido da **internet** com **46,5%**.

Casos de **LGBTQIAPfobia no ambiente doméstico** são relatados principalmente por **pansexuais (71,1%)** e **lésbicas (68,9%)**

“Eu sou lésbica, então as questões de namoro ‘tradicionais’ na família não valem pra mim, mas já ouvi muito que eu não ‘conheci o menino certo’, e mesmo ser uma mulher homossexual é diferente de ser um homem gay. Se assumir parece que você está confessando um crime, como se fosse algo errado, a gente trata isso com anormalidade.

Não me sinto confortável de falar disso com a minha família.”

16 anos, Grupo focal de São Paulo

ACESSO À SAÚDE SEXUAL/REPRODUTIVA

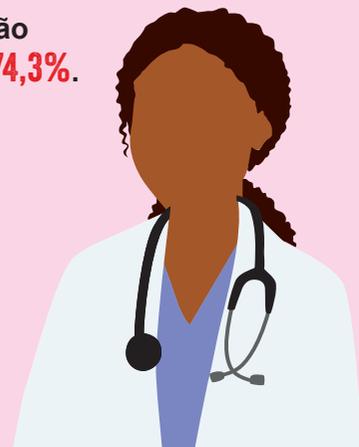
92,4% das meninas responderam que **detêm conhecimento suficiente sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).**

Apenas **44,1%** já passaram por consulta ginecológica.

As que **não menstruam porque utilizam métodos de interrupção** representam o **maior percentual de ida ao ginecologista**, com **74,3%**.

As meninas com renda familiar **acima de 6 salários-mínimos** são as que **mais realizaram consultas à ginecologista** com **67,8%**.

As meninas com **renda familiar de até 1 salário-mínimo**, são as que **menos acessaram** com **31,6%**.



Quando as meninas estão menstruadas,

deixam de

Praticar
esportes
29,5%

Namorar
20,7%



nunca deixam de

Trabalhar
71,8%

Ir à escola/
faculdade
55,7%



4 COMO ELAS ESTÃO SE PREPARANDO PARA O FUTURO?

O foco das meninas **não está no casamento, mas sim na independência.**

Cada vez mais as meninas rejeitam os modelos passados de relacionamento, família e atualmente encontram um campo de oportunidades para discutir o que é relacionamento saudável, seus direitos e os valores que levam uma mulher a querer ou não a maternidade.

“Me vejo formada, exercendo uma profissão, tendo minha casa, um carro, tendo uma estabilidade, podendo sair na rua sem ter medo.”

15 anos, Grupo focal de Formosa

64,6%

consideram que
as atividades que realizam hoje
as levarão ao futuro
que desejam.

18,2%

já tiveram que **interromper os estudos por algum motivo.**



INTERRUPÇÃO NOS ESTUDOS

O **Amazonas** é o estado onde houve o maior percentual de interrupção escolar (**32,8%**), o que constitui quase o dobro em comparação com os demais estados e à **média nacional (18,2%)**. Em seguida, tem-se o **Rio Grande do Sul** com **18,6%**, o **Maranhão** com **18%**, **São Paulo** com **16,6%** e finalmente **Goiás** com **12,1%**, representando o menor percentual de meninas que pararam de estudar.

Principais motivos para a interrupção nos estudos

AMAZONAS

- 21,4% Pandemia de Covid-19
- 16,3% Outro Motivo
- 11,2% Perdeu a vontade
- 11,2% Necessidade de ajudar nos afazeres domésticos

MARANHÃO

- 30,7% Pandemia de Covid-19
- 19,3% Outro Motivo
- 15,9% Doença
- 9,1% Perdeu a vontade

GOIÁS

- 21,8% Perdeu a vontade
- 14,5% Pandemia de Covid-19
- 9,1% Falta de Professor
- 9,1% Trabalho

SÃO PAULO

- 26% Perdeu a vontade
- 16,2% Pandemia de Covid-19
- 9,8% Doença
- 9,2% Outro Motivo

RIO GRANDE DO SUL

- 22,8% Falta de Professor
- 15,8% Doença
- 12,3% Pandemia de Covid-19
- 12,3% Perdeu a vontade

5 COMO TUDO ISSO IMPACTA A PERCEPÇÃO DO QUE É SER MENINA?

Para a maior parte das meninas ouvidas nesta pesquisa, ser menina é sinônimo de **ser forte, corajosa e enfrentar dificuldades.**



Relação com o corpo e julgamentos

60,8% não estão satisfeitas com o corpo

67,0% afirmam que as pessoas frequentemente julgam suas escolhas

74,2% afirmam que a depender da roupa que usa são desrespeitadas

50,2% não sentem que podem ser elas mesmas nos ambientes que frequentam

85,7% das meninas consideram que são felizes por serem meninas/mulheres

92,1% compreendem que meninas são tão inteligentes quanto meninos/homens



RECOMENDAÇÕES

A percepção das jovens sobre o que é ser menina é influenciada por seu contexto de interações e sua rede de cuidados. Os desafios variam, mas permanecem em todos os seus ambientes de interação. Dentro e fora de casa, as meninas se deparam com as estruturas sociais existentes que reforçam papéis de gênero e que engessam suas possibilidades de desenvolvimento em múltiplos aspectos, como receber maior ou menor incentivo ao esporte, a impossibilidade de conversar sobre certos assuntos, ser vítima de violências de gênero e receber tratamentos diferenciados em casa frente a irmãos homens.

- É preciso compreender a pluralidade como elemento fundamental nas vidas das meninas. Entender que elas são perpassadas por identidades múltiplas, com diferentes vivências étnico-raciais, de cisgeneridade ou transgeneridade, orientação sexual, classe, entre outras questões estruturais, é fator necessário para que governos, famílias, comunidades e sociedade civil em geral estejam preparados para entender e acolher as demandas de todas as meninas.
- É preciso criar, enquanto sociedade, ambientes seguros e igualitários para o crescimento das meninas, que façam valer seus direitos fundamentais assegurados pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
- É preciso pensar o acesso à cidade a partir da perspectiva das meninas e desenvolver planejamentos urbanos sensíveis a gênero, garantindo o direito constitucional da liberdade individual e a chave disso é a participação social das meninas na formulação das políticas públicas e dos programas sociais.
- É preciso frear a continuidade da espiral de violências e silenciamentos para libertar as meninas dos ciclos que presenciam. Isso vale, inclusive, para que entendam relacionamentos amorosos de forma mais saudável. A pesquisa revelou que a maioria das meninas está indisponível para relações afetivas. Modelos de relacionamentos mais saudáveis, equilibrados, de parceria e sem violência ainda são escassos para as meninas, sendo uma oportunidade trabalhar para a ampliação desses repertórios e exemplos.
- É preciso criar políticas intersetoriais para equipar e capacitar as equipes das escolas (e todos os ambientes de interface das meninas) para orientações mais saudáveis sobre seu desenvolvimento corporal, além de dar às meninas mais pobres acesso às políticas básicas para que elas vivam uma saúde sexual, menstrual e reprodutiva.

- A violência de gênero na internet, desde vazamento de dados e golpes até assédio sexual, reforça a relevância e importância de campanhas informativas sobre a garantia de direitos no ambiente on-line.
- É preciso melhorar o repertório e o vocabulário de jovens, adultos, cuidadores e instituições sobre os diferentes temas de sua sexualidade, gênero e orientação sexual para que possam acolher e respeitar mais as meninas. Nesse sentido, reforçamos a diferenciação territorial encontrada na pesquisa nos estados em que a Plan International Brasil tem atuação.

Os dados aqui apresentados reforçam o compromisso público do aprimoramento do investimento em políticas voltadas para as meninas, em todas as esferas - federal, estadual e municipal. Trabalhar pela melhora das condições de vida das meninas hoje é garantir a geração de mulheres livres, vivas e saudáveis, cidadãs conscientes e líderes do amanhã.



Diretora Executiva
Cynthia Betti

Vice-Diretora Executiva
Evelyn Silva

Coordenação Institucional da Pesquisa
Flávio Debique

Pesquisa São Luís e Codó (MA)
Creuziane Barros

Pesquisa São Paulo (SP)
Ana Nery Lima

Revisão Técnica
*Nicole Campos, Raila Alves
e Robson Almeida*

Colaboração
*Andreia Schroeder, Ana Paula de Andrade,
Denise Fragoso e Renata Leal
(Ibirá Comunicação Estratégica)*

plan.org.br



Tecendo a
transformação
social

Coordenação Técnica
Fernanda Kagan Mallak

Coordenação Executiva
Luciana Andreotti Sonck

Coordenação de Mobilização
Gabriela de Oliveira

Assistente de Pesquisa
Marina Schkolnick Soares Leite

Estudos Técnicos
*Cibele Oliveira Lima, Marina Schkolnick
Soares Leite e Priscila Tavares*

Mobilizadoras Locais
*Ana Paula Lobo Soares, Beatriz Amin,
Lorete Ester Gonçalves Terra, Vitoria Castro
e Liviah Prestes*

Projeto Gráfico
Ricardo Barneschi

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DESTE MATERIAL, DESDE QUE
SEJA CITADA A FONTE
E QUE NÃO SEJA UTILIZADO
PARA FINS COMERCIAIS.

